



**Site do autor: [livrosqueardem.com](http://livrosqueardem.com)**

### **Onde se funda uma Academia ao Ar Livre**

Não foi na Universidade Eduardo Mondlane que Eurico Mholovi adquiriu o seu saber — o que, convenhamos, o livrou de certos vícios académicos como a dúvida e a bibliografia. A sua formação deu-se na mais sólida das instituições: a esplanada da Boa Malta, no Mercado Janete, esse anexo democrático da cidade de Maputo onde se discutem, com igual propriedade, o preço do tomate e o destino da humanidade.

Eurico escolheu a mesa do canto. Não por modéstia — defeito que lhe seria estranho — mas por estratégia acústica. Dali, a sua voz propagava-se com autoridade parabólica, atingindo desde o vendedor de capulanas até o jovem distraído no telemóvel.

— A juventude está perdida — declarou num dos seus primeiros pronunciamentos oficiais — porque pensa demais e conclui de menos.

Ninguém sabia exatamente o que significava, mas todos assentiram. Em Maputo, quem fala com convicção ganha automaticamente uma audiência.

E assim se fundou, sem ata nem estatuto, a Academia Mholovidiana de Saberes

Supremos.

---

### **Da Engenharia Emocional**

O episódio do prédio da esquina foi o primeiro grande tratado técnico de Eurico. Um mestre de obras, homem calejado pelo cimento e pela realidade, explicava que a estrutura precisava de reforço.

Eurico interrompeu com a delicadeza de um trovão:

— A estrutura não precisa de ferro; precisa de confiança. A gravidade é uma convenção social.

O mestre piscou os olhos. Não por iluminação, mas por poeira.

— Meu senhor, isso pode cair.

— Cai porque lhe ensinaram a cair — replicou Eurico, satisfeito com a pedagogia aplicada à física.

Dias depois, a laje rachou. Eurico, magnânimo, explicou:

— Foi sabotagem newtoniana.

Desde então, evita passar pela rua do prédio. Não por receio; por princípio científico.

---

### **Do Si Bemol Anémico**

Certa tarde, no Centro Cultural Franco - Moçambicano, um pianista ensaiava com devoção. Eurico aproximou-se como quem concede uma audiência papal.

— O seu Si bemol está pálido — observou. — Falta-lhe ferro musical.

O pianista, que estudara anos de harmonia, agradeceu com o sorriso protocolar dos que enfrentam o absurdo.

— E o pedal, meu caro, usa-se como matapa: com parcimônia.

O concerto decorreu sem alteração. Eurico, porém, anunciou na Boa Malta que tinha “reorientado a música clássica nacional”.

Desde então, sempre que ouve um teclado tocar, ajeita o colarinho com ar de coautor.

---

### **Sociologia de Garrafa**

Entre um gole e outro, Eurico discorreu sobre desemprego, diplomacia e meteorologia.

— Emprego é estado de espírito — decretou. — Se o jovem acreditar, o salário manifesta-se.

Um rapaz desempregado olhou para a própria carteira vazia com fê redobrada. O dinheiro não apareceu, mas a esperança, essa, fez-se presente — o que, para Eurico, já era metade da economia resolvida.

Noutra ocasião, explicou que a chuva falhava porque o governo não dialogava com as nuvens.

— Falta negociação atmosférica.

A plateia riu. Ele não.

---

### **O Homem que Reformou o Índico**

Num entardecer de vento teimoso, Eurico contemplava o Índico como um general observa tropas indisciplinadas.

— Estas ondas carecem de estratégia marítima — declarou. — O Índico precisa de liderança.

Se dependesse dele, as marés obedeceriam a um calendário cívico, e os ventos apresentariam requerimento prévio.

Um pescador, homem de poucas metáforas, comentou:

— O mar não ouve discursos.

Eurico sorriu com piedade.

— Porque ainda não o instruíram.

---

## Da Termodinâmica Gastronómica

Eurico Mholovi não entra num restaurante para comer; entra para retificar a relação entre o Homem e a matéria.

Numa tarde abafada, observava um jovem que, com bochechas infladas, soprava freneticamente uma colher de petisco de peixe fumegante. Eurico interrompeu o processo com um gesto de mão que parecia parar o tempo — ou pelo menos o apetite alheio.

— O meu jovem está a cometer um crime de lesa-sabor — sentenciou, com a autoridade de quem já jantou com a física molecular sem nunca ter lido um manual de instruções.

O rapaz, com a colher a meio caminho da boca, olhou-o com a perplexidade de quem vê um profeta surgir entre o caril e o arroz.

— O petisco está quente — justificou o jovem, num assomo de lógica elementar.

— Quente é um conceito psicológico — replicou Eurico, ajeitando o colarinho como quem prepara uma tese. — O que o senhor está a fazer é expulsar a alma do alimento através de oxigénio não solicitado. A queimação na língua não é excesso de graus Celsius; é apenas falta de diálogo sensorial entre a papila gustativa e a molécula de água.

Perante o silêncio atónito da mesa ao lado, Eurico continuou:

— Não se sopra a comida. Convence-se o calor a circular. É uma questão de diplomacia térmica. Se o senhor tratar o petisco com a devida vênia, ele arrefece por respeito, não por ventilação.

O jovem, temendo uma segunda palestra sobre a “metafísica do feijão”, deu uma colherada corajosa. A careta de dor foi imediata, seguida de um gole desesperado de água fresca.

Eurico, magnânimo e sem um traço de culpa, sorriu com piedade académica:

— Viu? Falta-lhe convicção térmica. O senhor queimou-se porque duvidou da sua própria autoridade sobre o caldo. O petisco sentiu a sua hesitação e atacou.

Mais tarde, na Boa Malta, Eurico relatou que tinha acabado de “reestruturar as leis da termodinâmica moçambicana”. E nós, entre um gole de 2M e outro, reorganizámos o

riso, cientes de que, para Eurico, o mundo só arde porque ainda não aprendeu a ouvir.

---

### **O Consultor de Trânsito Metafísico (Meu caro amigo Pedro Jamal, peço a sua atenção a esta passagem)**

Numa tarde de sexta-feira, a Avenida 24 de Julho estava transformada num museu de metal imóvel e impaciência. O som das buzinas criava uma sinfonia de desespero que, para Eurico Mholovi, era apenas “ruído de quem não sabe esperar com elegância”.

Aproximou-se de um condutor que batia repetidamente no volante de um chapa.

— O meu caro está a tentar empurrar o destino com as mãos — observou Eurico. — O engarrafamento não é um problema de excesso de viaturas; é uma congestão de ansiedades.

— O semáforo está avariado! Isto não anda!

— O semáforo é uma mera sugestão cromática — explicou. — Se os senhores mentalizarem o destino com pureza de alma, o asfalto abre-se.

Posicionou-se no meio do cruzamento, fechou os olhos e inclinou a cabeça:

— Fluam!

Minutos depois, o nó desfez-se. Eurico regressou à Boa Malta:

— Acabei de desbloquear as artérias logísticas da capital.

O trânsito voltou a parar duzentos metros à frente, mas Eurico já não olhava.

---

### **A Reforma Genética do Caju**

Numa manhã de sol impiedoso, Eurico observava um vendedor ambulante que exibia castanhas de caju murchas.

— O meu caro está a vender depressão em formato de fruto — observou.

— É o que a terra deu, chefe.

— A terra dá o que o senhor lhe exige. O caju não cresce por falta de incentivo moral.

Discursou sobre melancolia produtiva, engenharia emocional e sabotagem newtoniana.

O vendedor seguiu o seu caminho. Eurico regressou à Boa Malta:

— Reorganizei a produção nacional.

E assim continuou a sua jornada, reorganizando o universo enquanto nós, discretamente, reorganizávamos o riso.

---

### **Epílogo Provisório (Porque Eurico Não Termina)**

O leitor talvez espere uma queda moral, uma revelação tardia, um momento de autocrítica. Engana-se. Eurico não se vê — e nisso reside a pureza do seu projeto.

Ele não é um vilão; é um espelho urbano. Em cada esquina da Boa Malta há um pequeno Mholovi germinando, pronto a explicar o mundo sem jamais tê-lo estudado.

E se um dia ouvir alguém afirmar que o sol nasce a leste por mera tradição histórica — não se surpreenda.

É apenas Eurico, reorganizando o universo.

E nós, discretamente, reorganizando o riso.

**FIM**

---